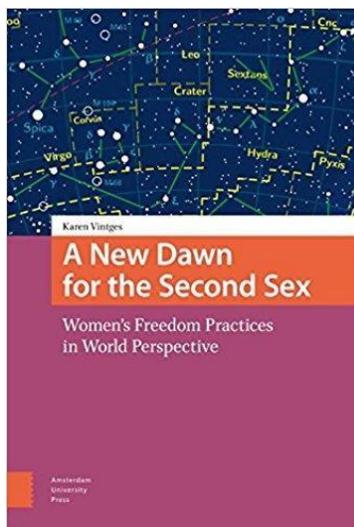


VINTGES, Karen. **A New Dawn for the Second Sex: Women's Freedom Practices in World Perspective**. Amsterdam University Press, 2017



Magda Guadalupe dos Santos *

O livro **A New Dawn for the Second Sex. Women's Freedom Practices in World Perspective** (Amsterdam University Press, 2017), de Karen Vintges (Professora de Filosofia Política e Social do Departamento de Filosofia da Universidade de Amsterdam), destaca o que existe de mais original em termos da relação entre o famoso ensaio do século XX, *O Segundo sexo*, e as práticas das mulheres hoje. Sua maior relevância temática se demonstra em duas possibilidades de leitura, que dialogam entre si. De um lado, a forma como a mais conhecida obra de Simone de Beauvoir, publicada em 1949, é tratada de um modo atual na sociedade contemporânea, de outro, a interlocução com práticas de mulheres que ultrapassam a perspectiva eurocêntrica.

* Professora de Filosofia. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Brasil (PUC Minas, Brasil). magda.guadalupe@yahoo.com.br.

Desde suas primeiras publicações, como *Philosophy as Passion: The Thinking of Simone de Beauvoir* (1996), *Feminism and the Final Foucault* (2004), *Women, Feminism and Fundamentalism* (2007) e vários outros livros em holandês, mais artigos acadêmicos publicados em periódicos nos Estados Unidos e outros países, Vintges demonstrou sua seriedade na pesquisa feminista e abertura ao diálogo com outras culturas, especialmente a muçulmana. Não se encontram na pesquisa e nos livros de Karen Vintges as dificuldades que muitos grupos ocidentais demonstraram ao analisar e buscar entender a cultura oriental, em seus vários matizes. Pelo contrário, ela demonstra sensibilidade e inteligência ao lidar com os fundamentos dialógicos entre culturas.

A autora demonstra tenacidade em novas propostas dialéticas relacionadas com o tempo e com as diferenças culturais, interagindo de um modo verdadeiramente novo com o pensamento de Simone Beauvoir e Michel Foucault. Sua interlocução se faz também com autores pós-coloniais, porque “a filosofia ocidental deve revisar seus conceitos e perspectivas no contexto de nosso mundo globalizado” (VINTGES, 2017, p.17). A preocupação metodológica de ambos, Beauvoir e Foucault, é tomada como uma forma de permitir novas visões teóricas e práticas sobre as propostas feministas. Entretanto, a questão permanece: “Até que ponto o estudo de Simone de Beauvoir, o *Segundo sexo*, é ainda relevante na atualidade?” Vintges entende que “nos últimos anos o interesse pela obra de Beauvoir tem aumentado, especialmente, nas questões propostas pelos feminismos contemporâneos” (VINTGES, 2017, p. 15).

Contudo, essa questão, que aparece na apresentação editorial do livro, é muito instigante. A única maneira de tratar o patriarcado seria considerá-lo um monstro? Mas a que tipo de monstros nós nos submetemos ao longo dos séculos e milênios? Bem, para a autora, o patriarcado é um “monstro com muitas cabeças” (VINTGES, 2017, p. 15). Ao longo das últimas décadas, várias cabeças desse monstro foram cortadas: avanços importantes foram alcançados pelas mulheres em relação à lei, à política e à economia.

Os movimentos feministas estão atualmente transitando por caminhos diferentes e isso pode ser visto como algo complexo e autônomo, como algo igualmente complexo e debilitante diante do poder patriarcal. Tomando o seu livro como referência temática se poderia dizer que o patriarcado é um monstro furtivo como uma hidra. O que isso significa? Bem se entende por hidra, “um monstro de muitas cabeças em que crescem muitas novas cabeças a cada vez que uma é cortada”. Como enfrentar o seu poder? Esta é também uma complexa questão. Embora

distintas — muitas vezes híbridas — as cabeças do patriarcado dominam em diferentes esferas e, por isso, “o feminismo exige uma variedade de estratégias”. Os movimentos de mulheres por todo o mundo, hoje, criam criticamente “novos modelos de identidade e de sociedade em seus próprios contextos”. Com base em noções de Simone de Beauvoir, bem como de Michel Foucault, este livro descreve o “feminismo numa nova chave”, que consiste em várias práticas de libertação de mulheres, cada uma caçando a *Hidra* do seu próprio modo — mas com apoio mútuo (VINTGES, 2017, p. 86).

A autora convida-nos a pensar por meio de uma interlocução cultural e esse é o nosso grande desafio atualmente. Entende ela que as obras de Foucault e Beauvoir sobre ética mostram algumas analogias notáveis que nos permitem finalmente sintetizar suas abordagens de um conceito ético de ‘práticas de liberdade’ (VINTGES, 2017, p. 44), em contextos distintos de projetos de vida eticamente criativos. Essas são cunhadas em torno de algumas características, como “liberdades em termos de uma prática ética”, “conduta visível e ativa no mundo”, “crítica de toda dominação”, “criação de práticas éticas individuais” e “arte de viver”, com a possibilidade de entender a ética como “os projetos concretos de grupos de indivíduos e dos indivíduos que o compõem” (VINTGES, 2017, p. 44).

O conceito que tem a autora de práticas de liberdade aplica-se bem no nível coletivo, a comunidades éticas identificáveis e relativamente distintas e independentes, grupos ou redes que oferecem técnicas individuais e modelos para criar um modo de vida ética concreto. Mas ele pode ser também convertido para um nível pessoal, a criação de um ethos pessoal contextualizado, como escreve Vintges em seu livro (VINTGES, 2017, p. 47-48). Esta publicação provê suas leitoras de questões profundas e relevantes para a presente era, especialmente para o refinamento da dimensão dialógica entre culturas e os vários costumes então delineados.

O livro de Karen Vintges, **A New Dawn for the Second Sex. Women’s Freedom Practices in World Perspective**, pode ser encontrado tanto impresso, para quem gosta de folhear um bom livro, quanto na forma de e-book.